

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Othon Bastos e apresentadora Simone Zuccolotto

Othon Bastos repassa sua brilhante carreira no Cinejornal

O Canal Brasil exibe nesta segunda (19), às 19h30, entrevista inédita de Othon Bastos no Cinejornal, apresentado por Simone Zuccolotto. Aos 91 anos, o ator retorna aos palcos com o monólogo “Não Me Entrego, Não!”, inspirada na icônica frase de Corisco, personagem vivido por ele em “Deus e o Diabo na Terra do Sol”.

Atraso no teatro

Antonio Fagundes está sendo processados por um casal que chegou atrasado e foi proibido de entrar numa sessão da peça “Dois de Nós”, estrelada por eles em São Paulo. O casal alega que chegou “alguns segundos” atrasado.

Esperançoso

Em passagem por Cannes, Bono falou sobre o momento de incertezas pelo qual passa a igreja católica. Diz estar esperançoso com o novo papa, que terá muitos problemas para enfrentar. “Nós nunca precisamos tanto da igreja como agora”.

No programa, Othon destaca que a peça é uma celebração de momentos marcantes de sua vida e carreira. O Cinejornal revisita papéis históricos do ator em obras como “São Bernardo” e “Os Deuses e os Mortos”, além de abordar os desafios de atuar durante a ditadura militar, período em que a arte estava sob forte repressão.

Atraso no teatro II

“Há 50 anos começo meus espetáculos rigorosamente no horário marcado em respeito à quase totalidade da plateia que chegou ao teatro com a devida antecedência no intuito de estar em seu lugar assim que a cortina se abre”, disse o ator em nota.

Refúgio

Um mês após participar do BBB 25 e chegar entre os cinco finalistas, Diego Hypólito está de volta ao trabalho no circo. Diego reconheceu que, em momentos difíceis - como os de ansiedade e de depressão-, o circo foi um importante refúgio.

‘O fantástico tino de um editor, em muitos casos, é bem menos fantástico do que a loteria dos encontros que a literatura propicia’

Mathilde Missioneiro/Folhapress



O editor Luiz Schwarcz evita se autovangloriar: ‘Não gosto de falar que eu protagonizei isso ou aquilo’

pidez, o que gerou maledicências que parecem incomodar até hoje. Duas vezes na autobiografia ele se ressentido de comentários que o acusavam de ser “melhor divulgador que editor”, por profissionais que ele chama de “adeptos da ideologia do fracasso”. “Havia editores icônicos que achavam que o fracasso comercial era o que lhes cabia. Era o preconceito de uma elite cultural que entendia que o livro que atingia um largo público não deveria ser bom.”

Atingir um público amplo era seu alvo desde o início. Sob a batuta de Caio Graco na Brasiliense, criou coleções como a Primeiros Passos,

A relação com autores é sempre um equilíbrio delicado, conforme frisa o fundador da Companhia das Letras, devendo ser pautada pela “entrega ilimitada” e “a obrigação de se tornar invisível”. Uma editora, segundo ele, deve ser menos “o reino da intuição genial” que do profissionalismo. Já no início, Luiz Schwarcz diz julgar desrespeitoso “contar mais vantagem do que dar crédito a terceiros ou mesmo à sorte”. “O fantástico tino de um editor, em muitos casos, é bem menos fantástico do que a loteria dos encontros que a literatura propicia.”

É uma postura que surpreende também quem conheceu um Luiz Schwarcz de ego aflorado nos anos 1980, turbinado pelo êxito ascendente como editor, primeiro na Brasiliense de Caio Graco Prado e depois na Companhia. Nesse começo de carreira, escreve, ele se tornou “um ser detestável” especialmente para sua família, pecando na generosidade e pesando a mão no paternalismo. Hoje, afiado na arte da autocritica, atribui aquele momento egoico a “um desvio por causa do sucesso” em uma “época de desbunde”.

“Costumo brincar que ter ‘ego trip’ depois dos 40 anos já é defeito de caráter. Entrei nisso como a maioria das pessoas, mas o importante é quanto tempo você demora para sair”, diz.

O editor de 68 anos, que entrava na casa dos 30 quando fundou a Companhia das Letras, conseguiu pautar público e imprensa com ra-

que convidava grandes pensadores a introduzir conceitos para uma juventude embalada pelo ímpeto de mudar a cultura e o país, à beira da redemocratização.

A lógica seguiu, depois, pelo maior investimento da Companhia em gêneros populares como o romance de entretenimento e a literatura “young adult”, uma estratégia que incluiu o lançamento do selo Paralela e a compra da JBC, especializada em mangás. Ao ser questionado sobre áreas em que a Companhia pode melhorar, ele cita a autoajuda.

“Uma das coisas que me interessavam aprender com a Penguin [hoje Penguin Random House] era como fazer um tipo de livro comercial que não era nossa expertise. Você tem que manter o padrão de qualidade, mas para outro tipo de leitor”, diz, se referindo ao grupo que comprou o controle majoritário da Companhia há sete anos.

Instado a responder sobre aposentadoria, Schwarcz diz que “tem obrigação” de pensar nisso, até por ter sócios. Mas diz que antes do “pós-Luiz”, haverá um outro Luiz. “Em alguns anos não quero mais ser CEO da empresa, mas gostaria de continuar plenamente na minha atividade editorial. Pode ser que primeiro passe a ser diretor editorial, chefe do board. E em outro momento escolher os livros que quero editar. Não quero fazer isso muito velho, para não ter pouco fôlego num momento em que vou estar desfrutando mais, fazendo só aquilo de que realmente entendo e gosto.”